

Planeamento editorial de uma obra em potência

O AUTOR, CRÍTICO E TRADUTOR THOMAS CROSSE

PEDRO SEPÚLVEDA E JORGE URIBE

PLANEAMENTO EDITORIAL

Os múltiplos documentos de projetos editoriais de Fernando Pessoa, em grande parte ainda inéditos, contribuem não só para organizar a obra como para lhe conferir um sentido que sem estes não possuiria. A obsessão do poeta com o planeamento editorial contrasta necessariamente com as esparsas publicações realizadas em vida, revelando-se contudo coerente com esta falta de concretização. O que este planeamento mostra é a existência de ideias alternativas e frequentemente incompatíveis de organização da obra. Em lugar de apontar para uma ideia de conjunto com carácter definitivo, esta planificação tem a consequência oposta de adiar qualquer ideia definitiva a este respeito, atestando uma irredutível potencialidade da obra.

Esta potencialidade não só constitui um traço decorrente destes documentos, como se vê também afirmada pelo próprio Pessoa, principalmente em textos de carácter bibliográfico. Ou seja, a potencialidade da obra não só resulta do facto de a escrita depender neste caso de um planeamento editorial que a integra num todo projetado, mas é ainda explicitada pelo poeta em função de uma caracterização autointerpretativa da obra. É o que acontece nomeadamente na «*Tábua Bibliográfica*», publicada na revista *presença* em 1928, na qual Pessoa defende sobre a obra assinada em nome próprio que «nenhum d'estes textos é definitivo», preferindo «o auctor» considerá-los «do ponto de vista esthetico [...] apenas approximadamente existentes», acrescentando ainda que «nenhum escripto heterónymo se publicou em folheto ou livro» (PR, n.º 17, p. 10). A caracterização refere-se aos opúsculos publicados «orthonymamente», sob uma forma apelidada de «folhetos», entre eles os *English Poems* e o *Interregno*, pelo que a precisão a respeito da «obra heterónyma» propõe-se englobá-la no conjunto visado, sublinhando que esta estaria ainda mais distante de qualquer estágio definitivo que a assinada em nome próprio. Aliando implicitamente uma publicação em folheto a

um estádio de maior acabamento que o atribuído a colaborações em periódicos, entre as quais Pessoa incluiu os poemas publicados sob os nomes de Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro, qualquer «escrito heterónimo» estaria mesmo aquém da falta de existência plena atribuída à obra intitulada *ortónima*. Ambos os tipos de obra estariam «por aperfeiçoar ou redefinir», caracterização que não sofre alterações após a publicação de *Mensagem*, lendo-se numa nota respeitante à obra publicada escrita poucos meses antes da morte: «ha que rever tudo isso e talvez que repudiar muito» (SQI, p. 143).

Considerando a descrição que o próprio autor faz a respeito da obra publicada até ao ano da sua morte, esta é definida persistentemente de forma deficitária em relação a uma ideia de completude projetada no futuro, mas da qual depende o sentido que lhe é conferido. A planificação editorial é pois aqui definidora deste estatuto e determinante nos diferentes sentidos atribuídos a cada obra tomada por si e enquanto parte de um conjunto maior.

Testemunhos desta planificação são alguns dos textos concebidos como prefácio, posfácio, comentário ou apresentação de determinada obra, ou a correspondência com companheiros de geração e editores, como no caso das cartas aos diretores da *presença* (cf. CP), e, principalmente, as inúmeras listas que o poeta elaborava. *Nestas*, importa distinguir, na linha do que já tem sido feito pelos editores¹, entre listas de projetos editoriais e planos de estruturação de uma determinada obra. As primeiras são decisivas relativamente ao problema que aqui nos ocupa, o de ordenar e conferir um sentido de conjunto a títulos e textos de outro modo dispersos. Os termos *editorial* ou *edição* devem ser entendidos num sentido lato, mais comum no inglês, de organização, seleção, compilação ou até apresentação de textos, sentido este que Pessoa conhecia e empregava².

Terá sido Jorge Nemésio o primeiro estudioso a ocupar-se detalhadamente deste *corpus* de documentos, reunindo em livro um conjunto do que apelida de «esboços, planos e apontamentos temáticos de livros, em português, existentes no espólio de Fernando Pessoa» (cf. Nemésio, 1958: p. 65-88), nos quais considera que se deveria basear uma «estrutura das futuras edições». As suas considerações relativamente aos «fundamentos de um esquema do conjunto dos poemas em português» (*ibid.*: p. 5) apontam desde logo como primeira conclusão da análise do *corpus* «a existência de mais do que um plano de estruturação das obras poéticas de *Fernando Pessoa*, em português» (*ibid.*: p. 8). Apesar disso, Nemésio defende que uma «análise crítica» destes documentos, acompanhada da determinação do «sentido exacto das expressões de *Fernando Pessoa* sobre os vários títulos a dar ao conjunto da obra poética» (*ibid.*: p. 18), possibilitaria uma adequada edição da sua obra completa. A ideia de fundamentar futuras edições neste tipo de documentos e em critérios cronológicos terá sido pioneira e veio criticar explicitamente as

edições publicadas nos anos 40 e 50 por procederem a uma seleção editorial subjetiva (*ibid.*: p. 12-5). O problema está naturalmente em determinar o que Nemésio designa por «sentido exacto» das «expressões» de Pessoa relativamente aos seus projetos editoriais, visto esta determinação implicar uma exclusão de várias alternativas que o poeta deixa em aberto — não só uma decisão em seguir uma delas como em segui-la de uma certa maneira.

As edições de que hoje dispomos seguem em maior ou menor grau as intenções editoriais expressas por Pessoa nos seus planos e projetos. O modo como o fazem é por sua vez definidor de modelos editoriais diversos. Em traços muito gerais, podemos afirmar que são principalmente as edições de Teresa Sobral Cunha e a Edição Crítica da Imprensa Nacional-Casa da Moeda a privilegiar uma organização dos livros resultante de elementos contidos nestes documentos, nos quais se baseia por sua vez em grande parte uma ordenação dos textos segundo critérios cronológicos³. Foi precisamente Sobral Cunha a projetar uma futura edição de conjunto dos planos e projetos editoriais, referindo-se no final dos anos 80 a «uma velha questão» (Sobral Cunha, 1987). Sublinhando novamente, na linha de Nemésio, a importância das informações estruturais que estes oferecem, exemplificada a propósito de poemas de Alberto Caeiro (*ibid.*: p. 101-7), afirma o seu valor enquanto fundamento e correção de edições.

Em ambos os casos, assim como na sua efetiva utilização enquanto instrumento de edição dos textos, é privilegiada uma importante dimensão prática ou funcional dos planos e projetos editoriais. No entanto, estes não se esgotam nessa sua dimensão, e diretamente nela implicada está o referido propósito de posicionamento dos textos no conjunto da obra, do qual depende, no caso específico de Pessoa, um preenchimento das categorias de autor e ainda de editor ou tradutor dos mesmos. Estas categorias veem-se frequentemente inseridas no próprio universo ficcional, pelo que o planeamento editorial da obra transcende duplamente um mero propósito de publicação. Por um lado, possui um carácter fundacional relativamente à obra, por outro, não são alheios a este planeamento elementos puramente literários⁴.

Nesta medida, as listas editoriais de Pessoa não são simplesmente classificáveis a partir da distinção proposta por Robert E. Belknap, no seu estudo sobre a lista em literatura, entre uma lista pragmática ou utilitária e aquela que possui uma função literária. As diversas características apontadas por Belknap como definidoras de listas de tipo literário são todas elas adequadas à descrição das que estão aqui em causa. Entre estas, o mesmo refere uma produção de sentido que vai além da simples referencialidade, a comunicação de informações relevantes em termos literários e uma relação com a obra na qual estão inseridas (cf. em particular Belknap, 2004: p. 1-19). As listas editoriais de Pessoa contêm pois elementos de ambos os tipos de listas descritos por Belknap, o que

mostra precisamente a sua importância tanto em termos de organização dos textos, tendo ou não em vista uma publicação, como enquanto documentos literários que sendo parte integrante da própria obra são geradores de sentido. É particularmente significativo em Pessoa o modo como nomes ficcionais, ao ocupar nestas listas a posição de autor, tradutor ou até crítico literário, adquirem relevância enquanto princípios organizadores dos textos. De outro modo, são os próprios textos ou por vezes apenas títulos sem correspondência textual que conferem a estes nomes uma determinada substância. É este o caso do *autor*, *crítico* e *tradutor* Thomas Crosse, cuja existência ficcional depende em larga medida dos projetos editoriais aos quais se encontra associado. Se, por um lado, funciona como nome ao qual estão subordinados vários títulos e deste modo enquanto princípio editorial, por outro é essencialmente através destes projetos que lhe estão atribuídos que Crosse deixa a promessa de ser mais do que apenas um nome.

THOMAS CROSSE AUTOR, CRÍTICO E TRADUTOR

Não se conhecem referências de tipo biográfico a Thomas Crosse, comuns nos casos das figuras de Campos, Reis e Caeiro, e ainda reconhecíveis nos do Barão de Teive, de Vicente Guedes ou Bernardo Soares. No entanto, este nome encabeça pelo menos três textos que permaneceram no espólio de Fernando Pessoa e foram publicados postumamente, podendo estabelecer-se entre o texto e o nome uma relação autoral. Como noutros casos, Pessoa coloca por cima do texto apenas a indicação de um nome, omitindo um possível título e não acrescentando qualquer informação adicional. Destes três textos, aquele que será o mais conhecido e também o mais relevante é uma apresentação crítica da obra de Alberto Caeiro em língua inglesa, num manuscrito que se estende ao longo de oito páginas de difícil leitura e que começa pela frase «But Caeiro displaces all our mental habits and puts all our notions out of drowsing» (BNP/E3 143-1 a 4; PPC, p. 441-3)⁵. Um outro texto, datilografado em duas páginas, centra-se nas relações linguísticas entre o português europeu, o do Brasil e o espanhol (BNP/E3 143-10^r e 11^r; PI, p. 238-9), e finalmente, um terceiro, muito fragmentário e ocupando menos de meia página datilografada, refere diferenças entre conflitos históricos maiores e menores e inclui o começo de uma narrativa acerca de uma «Sebastianist Order», que teria estabelecido em Portugal, no ano de 1926, o seu «plano de campanha» (BNP/E3 143-12^r; SQL, p. 160).

Limitam-se a estas três as ocorrências que se conhecem do nome Thomas Crosse nas próprias folhas dos textos, pelo que a atribuição de uma autoria ficcional a estes documentos parece devidamente fundamentada. No entanto, o mesmo nome de autor surge ainda em seis documentos que testemunham projetos editoriais, e que, constituindo um importante núcleo material, per-

mitem entender a posição, o sentido e até uma certa cronologia do nome Thomas Crosse e da respetiva figura, que se manifesta a partir da obra que lhe é atribuída ou atribuível.

O testemunho mais antigo é o de uma lista datável aproximadamente de 1914, onde para além de diversos projetos de tradução, entre estes os *Portuguese Proverbs* que Pessoa preparava para a editora dos irmãos Palmer em Inglaterra (cf. PP, p. 13), se encontram quatro títulos, sob a indicação «*Articles (Thomas Crosse)*»: «The Birthplace of Colombus | The Origin of the Discoveries | A pre-romantic (José Anastacio da Cunha) | The Myth of King Sebastian» (cf. Documento 1). Alguns destes títulos ou temas que estes referem são retomados em listas posteriores, em documentos dedicados exclusivamente à obra virtual de Thomas Crosse. Numa segunda lista, datável aproximadamente de 1919 (Doc. 3), são enumerados doze títulos que referem temas diversos, mas que não obstante mantêm alguma relação com os referidos na lista de 1914-1915. Uma terceira lista, posterior a 28 de maio de 1926 (Doc. 6), apresenta sete títulos, alguns dos quais ocorrentes nas listas anteriores, e esboça ainda dois parágrafos de um texto que poderia responder ao título «The conflict of languages and the universal language», incluído na mesma lista e escrito num registo muito semelhante ao do texto BNP/E3 143-10^o acima referido. Estas duas últimas listas partilham a sugestiva indicação *possible articles*, acompanhada do nome de Thomas Crosse, remetendo precisamente para o seu estatuto de projetos, neste caso só muito parcialmente concretizados e dos quais não resultou qualquer publicação. Thomas Crosse aparece também num plano de livro datável da segunda metade da década de 1910, onde lhe é atribuída a autoria de um livro de carácter antológico intitulado *Some Portuguese Writers*, que se ocuparia das obras de autores como o já anteriormente contemplado José Anastácio da Cunha e ainda os aqui apelidados de *sensacionistas*, designação que não poderia deixar de incluir Álvaro de Campos e possivelmente alguns dos companheiros de Pessoa na revista *Orpheu* (cf. Doc. 2 e 1).

Para além destas quatro listas, encontram-se ainda mais duas onde consta o nome de Thomas Crosse, ainda que não apresentem, como nos outros casos, um conjunto de títulos que lhe estivesse subordinado. Os dois documentos estão vinculados com a editora pessoana Olisipo, sendo o primeiro a extensa lista de projetos editoriais dos quais foram efetivamente publicados quatro títulos entre os anos de 1921 a 1923 e que inclui «'Complete Poems of Alberto Caeiro'. Trad[ução] Thomas Crosse» (Doc. 5). O segundo documento, que até agora se encontrava apenas parcialmente publicado e com diversos problemas de leitura, anuncia uma outra tradução cuja responsabilidade é atribuída a Crosse, a do opúsculo de Jean-Baptiste Pérès, *Comme quoi que Napoléon n'a jamais existé* (Doc. 4). Encontram-se no espólio de Pessoa várias referências a este livro, apreciado pelo poeta pela sua interpretação da dimensão mítica e

mística de figuras históricas, assunto sobre o qual são tecidas algumas considerações em *A Demonstração do Indemonstrável*⁶.

O caso deste último não é de todo singular, mas paradigmático do modo como uma atribuição de título e também de autoria depende da sua relação com as listas de projetos onde estas atribuições figuram. O título em inglês, *Proving the Unprovable*, não se encontra nas folhas do texto que parece corresponder-lhe, mas numa folha materialmente idêntica a estas e imediatamente anterior na sequência do inventário do espólio. O que permite, neste caso, reconstruir um contexto e uma história deste esboço de ensaio é a relação evidente, a nível material e de conteúdo, do título que consta na lista com o texto que enuncia desde logo no começo o seu objeto: «The case of proving the unprovable [...]» (DI, p. 31). Para além desta relação, existe ainda uma proximidade entre a temática do ensaio e outros títulos da mesma lista, relativos ao mito sebastianista ou a dúvidas sobre a existência real de figuras históricas, como no caso de Napoleão, desenvolvidas no texto a partir de uma recensão do opúsculo de Pérès⁷.

É através desta proximidade na arrumação de títulos de projetos que é possível criar um vínculo entre a lista onde surge o título *Proving the Unprovable* e outras listas em que os mesmos títulos ocorrem, por vezes com pequenas variantes, e reconhecer deste modo um núcleo de interesses que surge por vezes sem atribuição de autoria, mas que noutros casos se encontra outorgado ao nome de autor Thomas Crosse (cf. Doc. 1 e 3). Tanto o título como o próprio conteúdo do esboço de ensaio *Proving the Unprovable* podem ser reconhecidos como parte integrante, como variante que restringe a temática ou até como a segunda parte de um dos projetos de artigos listados no conjunto intitulado «Possible Articles by Thomas Crosse (or some such)» (Doc. 3), que apresenta junto de um dos títulos uma descrição de conteúdo e ainda uma importante nota bibliográfica:

Sophistry, or Curious Proofs and Arguments: from the Greek Sophists (v. Funck-Brentano, Les Sophistes Grecs) through medieval sophists and schoolmen, to modern sophists, including such theses as Comme Quoi Napoléon [n'a Jamais Existé]) (See whether some idea can be obtained of Whately's Historic Doubts). (This article can be divided into two — one on Sophistry Proper, the other on Curious Proofs and Arguments).

No entanto, para além de se reconhecer que *Proving the Unprovable* pertence a um conjunto de títulos e temáticas que Pessoa opta em algumas listas por atribuir ao nome de autor Thomas Crosse, não existe nenhuma prova textual irrefutável de que Crosse fosse o autor concebido para este texto, ou de que este teria sido redigido necessariamente como parte da obra deste autor, dado

o título ocorrer apenas numa lista em que não figura o seu nome e o texto esboçado não apresentar assinatura. Dito isto, não deixa de ser sugestiva a já referida atribuição a Thomas Crosse da tradução do livro de Pérès (Doc. 4), o que por si só comprova uma proximidade de conteúdos entre o esboço de artigo e a obra virtual do autor em potência. A data precisa de escrita de *Proving the Unprovable* permanece incerta⁸, sendo verificável que a mesma temática foi pensada sob a forma de um artigo assinado com o nome de Thomas Crosse por volta de 1919 (Doc. 3), não tendo sido novamente contemplada na lista de artigos elaborada no final dos anos 20 (Doc. 6).

O mesmo tipo de oscilações na atribuição de projetos acontece no caso do posicionamento de Thomas Crosse enquanto tradutor e crítico literário. A lista que lhe atribui a tarefa de escrever sobre poetas ou escritores portugueses, datável da segunda metade da década de 1910 (Doc. 2), aproxima-se de uma outra, provavelmente anterior, na qual projetos semelhantes são listados sem atribuição de autoria (BNP/E3 14⁴-64)⁹. A intenção editorial de fazer uma tradução inglesa do livro de Pérès, que numa lista (Doc. 4) aparece explicitamente atribuída a Crosse, surge no mesmo período no plano editorial da Olisipo (Doc. 5), com omissão do nome do tradutor, ainda que Pessoa deixe uma lacuna para ser preenchida *mais tarde*. Antecede cronologicamente ambos os documentos o rascunho manuscrito de uma tradução do francês para o inglês da totalidade do texto de Pérès, com data autógrafa de 1909, assim como duas páginas do início de uma tradução para português¹⁰. Sensivelmente deste mesmo período é datável o plano de uma «Anthologia», que inclui o projeto de uma tradução para português, também sem referência a um tradutor (cf. BNP/E3 48-4^r e 5^r).

O facto de, na grande maioria dos casos, a escrita dos textos anteceder pelo menos parcialmente a criação de figuras de autor dos mesmos já foi notado pela crítica pessoana¹¹, e este é um traço que se estende também às funções de tradutor e crítico. Isto não significa que não existam casos em que esta criação é paralela ou contemporânea, mas assinala que a criação destas figuras depende necessariamente de uma realidade textual, seja ela uma obra, um título ou uma lista de projetos. Para além desta dependência, constata-se que é principalmente em momentos de efetivo planeamento editorial, nos quais se manifesta uma intenção de organizar a obra para uma possível publicação, que textos já existentes são reorganizados segundo uma atribuição a um nome de autor, tradutor ou até crítico literário. Que esta atribuição de autoria seja, no caso pessoano, persistentemente ficcional vem sublinhar a indissociabilidade entre a ficção e o planeamento que posiciona os textos enquanto peças de um sistema literário cuja coerência depende de uma visão do mesmo enquanto todo¹².

No que diz respeito a Alberto Caeiro, existe apenas um único texto assinado com o nome de Thomas Crosse, a acima referida apresentação crítica da obra de Caeiro¹³. Nas listas de projetos editoriais, encontra-se igualmente

uma só referência explícita a Crosse, enquanto tradutor dos *Complete Poems of Alberto Caeiro*, no mencionado plano editorial da Olisipo. No entanto, vários projetos e textos de comentário e apresentação de Caeiro em inglês deixam antever uma possível atribuição de autoria a Thomas Crosse. Logo por volta do período inicial da escrita dos poemas em nome de Caeiro, em 1914, Pessoa projeta um lançamento megalómano da obra em Inglaterra, França, Alemanha e Itália, acompanhado das respetivas traduções e, no caso da tradução para inglês, de um «Preface to translation» (BNP/E3 14B-16 e 16a; Sepúlveda, 2010: p. 406-7). Um segundo projeto de lançamento, um pouco mais comedido que o primeiro e provavelmente posterior, mas datável do mesmo ano, prevê apenas as traduções para francês e inglês, sob os títulos «The Keeper of Sheep» e «Le Gardien de Troupeaux», sem mencionar um possível prefácio (BNP/E3 8-3^v; LdD, p. 727). É conhecida ainda uma lista que se encontra num caderno cuja data de escrita se aproxima de 1928, onde a edição inglesa de «Complete Poems of Alberto Caeiro (or only the ‘Keeper of Flocks’)» surge inserida numa série de volumes intitulada «From Portugal», que reuniria também a tradução do *Banqueiro Anarquista* ou os *English Poems*, entre outros¹⁴.

O facto de o nunca concretizado plano de tradução e lançamento dos poemas de Caeiro em inglês se encontrar associado, em apenas um texto e uma lista de que há conhecimento, ao nome de Thomas Crosse, tradutor e crítico literário, não justifica por si só a consideração de que este seria necessariamente o nome de autor de todos os textos de apresentação de Caeiro em inglês e ainda de um pouco significativo esboço de tradução de alguns versos (BNP/E3 74B-38^r). Como no caso de *Proving the Unprovable*, o argumento de que Thomas Crosse seria o autor associado a dois conjuntos de textos concebidos como prefácio à edição inglesa de Caeiro (BNP/E3 21-98 a 104; PCAC, p. 221-5) é necessariamente hipotético¹⁵. Este argumento vê-se nutrido pelos testemunhos das listas de projetos que atribuem a Thomas Crosse esta função, mas sabemos que Pessoa optava em diferentes momentos por diversas possibilidades de preencher a posição de autor e corrigia anteriores atribuições, como no caso paradigmático do *Livro do Desassossego*, atribuído em diferentes momentos aos nomes de Fernando Pessoa, Vicente Guedes e Bernardo Soares. Não sabemos por isso, nem nunca saberemos, quais os nomes de autor que integrariam uma edição dos poemas de Caeiro em inglês, e esta impossibilidade é um traço característico de obras planeadas, esboçadas e nunca terminadas e cuja relação com planos alternativos não permite ao leitor, crítico ou editor decidir-se por uma delas, obrigando-o a considerar várias possibilidades. Neste sentido, não se pode afirmar que Thomas Crosse é o tradutor ou crítico de Alberto Caeiro em língua inglesa, mas que este foi apenas a *projetada* figura do tradutor e crítico e que a compreensão da escrita que corresponde ao nome Crosse como uma característica da obra de Pessoa está mais no campo da possibilidade do que da realidade¹⁶.

[1] [BNP/E3 48I-10^r] [c. 1914]

Translations:

Estudiante de Salamanca.

Sonnets of Camoens.

Songs from the old Portuguese Song-Books.

Spanish and Portuguese Sonnets. (Brazilian?)

Portuguese Proverbs.

Portuguese Folk Verse.

Articles (Thomas Crosse):

The Birthplace of Columbus.

The Origin of the Discoveries.

A Pre-Romantic (José Anastacio da Cunha).

The Myth of King Sebastian.

[2] [BNP/E3 143-5^r] [c. 1915-1916]

*Thomas Crosse: Some Portuguese Writers*¹

I have chosen rather lesser known, [and] unjustly unknown, poets:

1. The Poetry of the Song Books.
2. Christovam Falcão e Bernardino Ribeiro.
3. José Anastacio da Cunha.
4. Anthero de Quental.
5. Guerra Junqueiro.
6. Cesario Verde.
7. Decadent, and Pessimist.
8. The «Sensationist».

¹ Variante: Poets Writers

[1] Texto publicado pela primeira vez em PP, p. 13-14. Este texto é datável aproximadamente de 1914, segundo pode interpretar-se a partir da referência ao projeto de edição e tradução de uma coletânea de provérbios portugueses que seriam publicados na Inglaterra por intermédio da editora de Frank e Cecil Palmer (cf. a este respeito *ibid.*, p. 7-24).

[2] Este documento manuscrito foi publicado pela primeira vez em PPC, p. 233. Tratando-se, entre outros assuntos, de um plano de apresentação e divulgação dos poetas sensacionistas no estrangeiro, a data do documento pode oscilar entre 1915 e 1916.

[3] [BNP/E3 143-6^r] [c. 1919]

Possible articles by Thomas Crosse (or some such):

A conspectus of the Columbus theories (see what the recent Italian re-Genoa one says).

Diogo Pires, otherwise Solomon Molcho.

The Myth of King Sebastian.

Biomancy (fairly big article)

Sophistry, or Curios Proofs and Arguments: from the Greek Sophists (v. Funck-Brentano, Les Sophistes Grecs) through medieval sophists and schoolmen, to modern sophists, including such theses as Comme Quoi Napoléon [n'a Jamais Existé]) (See whether some idea can be obtained of Whately's Historic Doubts). (This article can be divided into two — one on Sophistry Proper, the other on Curious Proofs and Arguments).

Singularities of Language.

(Historia tragico-Maritima) (or translate perhaps).

Tobacco / Tobacco in Portugal (special) ???

Freemasonry in Portugal (special) ?

Kings that will Return. (the general myth of which the one of King Sebastian is a particular case).

The Epigram. (or a little book choosing them).

[3] Texto publicado em PPC, p. 233. Os motivos da datação deste documento, relacionados com características temáticas e com o suporte material, são explicados detalhadamente na nota 57 do posfácio de *A Demonstração do Indemonstrável* (DI, p. 56).

[4] [BNP/E3 48B-23^r] [c. 1921]

Editions:

1. Shakespeare: «A Tormenta». — Trad[ução] Fernando Pessoa.
2. Antonio Botto: «Canções». — 2.^a edição.
3. «English Poems — I [and] II (Antinous, Inscriptions)» — F[ernando] Pessoa.
4. «How Napoleon never Existed» — transl[ation] T[homas] Crosse.
5. «Essay on Political Suffrage» — Fernando Pessoa.
6. Williams [and] Norgate — Home University Library.
7. «Protocols of the Learned Elders of Zion — with commentaries. x
8. Epigrammas Portuguese.
9. «Introdução ao Problema Portuguez».
10. «Epithalamium, Five Songs».

x Reclames por annuncios, placards, circulares
(a padres e entidades analogas) —

Homem Christo (his printing office).

Israel infandum n[efas].
Prophecia de Lehnin

«Protocolos dos Sabios de Sião». Traduzidos e commentados
por A. L. R.

[5] [BNP/E3 137A-24^r] [c. 1921]

- «English Poems, I & II» (Antinous, Inscriptions). Fernando Pessoa.
- «English Poems, III & IV» (Epithalamium, Five Songs). Fernando Pessoa.
- «English Poems, V.» (Elegy). Fernando Pessoa.
- «English Sonnets, Book I». Fernando Pessoa.
- «English Sonnets, Book II». Fernando Pessoa.
- «Theory of Political Suffrage». Fernando Pessoa.
- «Prometheus Revinctus — A Dramatic Poem» Fernando Pessoa.
- «How Napoleon Never Existed». (Pérès). Trad[ução] —
- «The Student of Salamanca». (Espronceda). Trad[ução] Fernando Pessoa.
- «Sonnets of Camoens». Trad[ução] Fernando Pessoa.
- «Sonnets of Quental». Trad[ução] Fernando Pessoa.
- «Complete Poems of Alberto Caeiro». Trad[ução] Thomas Crosse.
- «Songs» (Antonio Botto). Trad[ução] —
- «Songs from the Old Portuguese Song-Books». Trad[ução] Fernando Pessoa.
- «The Duke of Parma — A Tragedy». Fernando Pessoa.
- «All About Portugal». Ed[ição] Fernando Pessoa (special).
- «The Southern Review» (quarterly or half-yearly).

[4] e [5] A primeira lista encontra-se parcialmente inédita, existindo uma transcrição apenas do corpo de títulos numerados em Azevedo, 1996: p. 490, com várias lacunas e problemas de leitura, corrigidos em parte no artigo de recensão de Luís Prista (cf. Prista, 1998: p. 395). A segunda, da qual transcrevemos apenas uma das quatro folhas que a compõem, foi publicada em Mega Ferreira, 1986: p. 159-62 (cf. BNP/E3 137A-21^r a 24^r; *ibid.*, p. 159-62). Ambas as listas apresentam títulos inscritos no âmbito dos projetos editoriais da Olisipo, editora criada por Pessoa e cuja atividade esteve circunscrita ao período entre 1921 e 1923 (cf. Mega Ferreira, 2005: p. 80). Estas terão sido elaboradas no seu período inicial de atividade, pelas referências a projetos concretizados logo no ano de 1921, *English Poems I-II* (que incluem *Antinous e Inscriptions*), *English Poems III (Epithalamium)* e em 1922, a segunda edição das *Canções* de António Botto (cf. a este respeito Mega Ferreira, 2005: p. 69-88; e Rui de Sousa, 2010: p. 86-97).

[6] [BNP/E3 143-13^r] [c. 1928]

Thomas Crosse's possible articles:

1. The conflict of languages and the universal language.
 2. The birthplace of Columbus.
 3. Epigrams.
 4. Dictatorships.
 5. King Sebastian.
 6. The legend of the Returning King.
 7. The Old Portuguese Song-Books.
 8. The Military Government in Portugal (based in Interregno).
- [...]

[6] Texto publicado em DI, p. 83. Pela referência a *O Interregno. Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal*, o texto corresponde necessariamente a um período posterior ao golpe militar de 1926 e próximo da publicação do dito opúsculo em 1928.

«DISJECTA MEMBRA» DE THOMAS CROSSE

Ao contrário de Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, Thomas Crosse, não sendo mencionado em descrições biográficas ou de outra índole, não se encontra explicitamente integrado na ficção própria do que Pessoa designou por «drama em gente» (PR, n.º 17, p. 10). Apesar de estar, como os outros *discípulos*, associado a um sistema de personagens autoras de livros que tem como centro o *mestre* Alberto Caeiro, Thomas Crosse não chega a ser uma personagem deste enredo de um modo direto, ainda que para ele contribua. Esta contribuição acontece por exemplo através de uma referência a António Mora no texto assinado com o seu nome sobre Caeiro, aproximando-se do modo como Campos e Reis discutem posições estéticas, ou dos comentários de Campos sobre Pessoa¹⁷. Embora as narrativas biográficas especificamente dedicadas a Thomas Crosse não tenham sido desenvolvidas por Pessoa, isto não quer dizer que estas não foram em algum momento consideradas. No caso de Thomas Crosse é preciso ainda sublinhar a reincidência do apelido noutros dois casos de possíveis autores de textos: I. I. Crosse e A. A. Crosse, enquanto traço propositivo de um possível enredo ficcional a ser desenvolvido, de um modo porventura semelhante ao desenvolvimento que Pessoa deu às narrativas daqueles que designou por heterónimos.

De I. I. Crosse conhece-se um texto sobre Caeiro e o Neo-Paganismo (cf. BNP/E3 143-7) e um outro sobre Álvaro de Campos (cf. BNP/E3 14A-66 e 67)¹⁸. Em ambos é evidente a proximidade com a escrita do crítico literário Thomas Crosse, autor do texto de apresentação da obra de Caeiro. O caso de A. A. Crosse, decifrador de charadas e participante em concursos de jornais ingleses, é conhecido pelas referências a esta personagem na correspondência amorosa que Pessoa manteve com Ofélia Queiroz. No ano de 1920, o nome «Sr. Crosse» surge em várias cartas, tanto de Pessoa como de Ofélia, mas só em duas ocasiões nesta troca aparece o nome «A. A. Crosse», em carta de Pessoa datada de 5 de abril de 1920 e de Ofélia de 27 de abril de 1920 (cf. CA, p. 77 e 93). Para além destas ocorrências, encontra-se no espólio uma nota de envio de respostas a um destes jornais assinada com o nome «A. A. Crosse» e datável do mesmo ano (BNP/E3 133H-47a). As iniciais A. A. correspondem possivelmente às de Arthur Annes Crosse, nome de uma personagem incluída num relato detetivesco inédito intitulado *A Strange Disappear[ence]* (cf. BNP/E3 27²²M⁵-1)¹⁹.

Não obstante o facto de se ter associado tipicamente o nome de A. A. Crosse à participação em concursos de charadas em jornais, esta ocupação não lhe terá sido exclusiva dentro da família Crosse. Isto fica sugerido por um documento em que o nome de Thomas Crosse aparece numa nota de envio de respostas a um destes concursos nesse mesmo ano (cf. BNP/E3 124-17 e a este respeito TH, p. 97). Uma carta de atribuição de um prémio de um destes

concursos que se encontra no espólio (BNP/E3 133H-36^r e 37^r) não nomeia um destinatário, o que não permite clarificar totalmente a questão do uso dos nomes como decifradores de charadas. Aumentando esta lista de possuidores de um mesmo apelido, encontram-se ainda no espólio as assinaturas de J. J. Crosse, S. S. Crosse e Charles Crosse, das quais não se conhece nenhum outro desenvolvimento (cf. BNP/E3 49 B⁴-83^v e 104A-40; TH, p. 97).

A possibilidade de Pessoa traçar relações familiares entre as personagens autores que o próprio criou é conhecida e tem sido apontada em repetidas ocasiões pela crítica pessoana. No espólio encontram-se, por exemplo, textos assinados por Frederico Reis e Charles James Search, que poderiam ser irmãos ou familiares de Ricardo Reis e de Alexander Search (cf. SOI, p. 55, e PPC, p. 196-7). Não obstante, a ideia de uma irmandade dos Crosse não pode passar de uma hipótese provocadora, permitindo perceber alguns dos tipos de relações que habitam as autorias ficcionais que Pessoa imaginou, projetou e que em alguns casos concretizou por meio da escrita.

Para ter uma noção abrangente da figura de Thomas Crosse é preciso considerar de forma simultânea a sua materialidade textual, contida principalmente nas inscrições do seu nome em documentos de planeamento editorial, e as possibilidades especulativas que os títulos que lhe foram atribuídos levantam, ao serem reunidos e confrontados com os três textos que efetivamente contêm a sua assinatura. Pensando em categorias temáticas gerais que reuniram todos os títulos presentes nas listas da obra virtual de Thomas Crosse, é possível reconhecer preocupações constantes e, partindo destas, construir algumas pontes entre os conjuntos.

A categoria **capaz de** aglomerar a maior quantidade de títulos pode ser enunciada como «História e Mito». Segundo este núcleo, Crosse elaboraria artigos onde a veracidade da história é posta em causa ou onde são apresentadas várias versões de um acontecimento ou biografia de maneira que a verdade sobre o caso em questão permanece nebulosa:

I. HISTÓRIA E MITO

The Birthplace of Columbus.

The Origin of the Discoveries.

The Myth of King Sebastian.

A conspectus of the Columbus theories (see what the recent Italian re-Genoa one says).

Diogo Pires, otherwise Solomon Molcho.

The Myth of King Sebastian.

Kings that will Return. (the general myth of which the one of King Sebastian is a particular case).

How Napoleon never Existed — transl[ation] T[homas] Crosse.

The birthplace of Columbus.
Dictatorships.
King Sebastian.
The legend of the Returning King.
The Military Government in Portugal (based in Interregno).

Os protagonistas desta categoria, isto é, aquelas figuras sobre as quais Thomas Crosse concentraria maior atenção, são Cristóvão Colombo e o rei D. Sebastião, ambas personagens históricas de relevo (e portuguesas, segundo Pessoa), que por falta de clareza num dos pontos basilares das suas biografias, num caso o nascimento e no outro a morte, são sujeitos a múltiplos estudos históricos e pseudo-históricos. Através destes estudos, os mesmos adquirem uma aura fantasiosa ou mítica, transcendendo a sua realidade histórica sob a forma de realidades textuais. Um caso semelhante seria o de Napoleão, que segundo o estudo de Pérès deixaria de existir, sendo entendido como um mito solar, tal como outras figuras centrais de múltiplas religiões²⁰.

Uma segunda categoria poderia intitular-se: «Estudos Literários sobre Autores, Géneros e Escolas». Aqui, a ênfase de Crosse estaria evidentemente na apresentação de autores portugueses em língua inglesa:

2. ESTUDOS LITERÁRIOS SOBRE AUTORES, GÉNEROS E ESCOLAS

The Poetry of the Song Books.
Christovam Falcão e Bernardino Ribeiro.
José Anastacio da Cunha.
Anthero de Quental.
Guerra Junqueiro.
Cesario Verde.
Decadent, and Pessimist.
The «Sensationist».
A Pre-Romantic (José Anastacio da Cunha).
(Historia tragico-Maritima) (or translate perhaps).
The Epigram. (or a little book choosing them).
«Complete Poems of Alberto Caeiro». Trad[ução] Thomas Crosse.
Epigrams.
The Old Portuguese Song-Books.

Thomas Crosse teria como responsabilidade, entre outros estudos, apresentar em língua inglesa três dos poetas que Fernando Pessoa teve em maior consideração ao longo da sua vida: Antero de Quental, Cesário Verde e o poeta matemático do século XVIII José Anastácio da Cunha. Não é este o lugar ade-

quando para nos estendermos em detalhes sobre cada um dos títulos, mas são múltiplas as páginas que podem ser encontradas no espólio sobre cada um destes autores. O título que sem dúvida pode levantar maior curiosidade por parte da maioria de leitores pessoais é aquele que implica a relação entre Thomas Crosse e a obra de Caeiro. Pode apontar-se para o facto de não ser casual que Crosse se ocupasse da obra de Caeiro, assim como do estudo e apresentação em língua inglesa da figura histórica e mítica de D. Sebastião; o *mestre* e o mítico rei de Portugal partilham uma função messiânica central numa certa história de Portugal que Pessoa integra na sua obra literária.

Uma terceira categoria poderia reunir alguns títulos sob a designação «Reflexões sobre Língua e Linguagem», categoria na qual poderia incluir-se também *Proving the Unprovable*, se fosse possível asseverar para o texto uma autoria de Thomas Crosse:

3. REFLEXÕES SOBRE LÍNGUA E LINGUAGEM

Sophistry, or Curious Proofs and Arguments.

Singularities of Language.

The conflict of languages and the universal language.

Estes títulos esboçam tanto um interesse particular no estudo de relações entre línguas, como também sobre verdade e linguagem, diretamente sugerido pelo interesse nos sofistas através do qual se tece, novamente, um vínculo explícito entre os conjuntos de interesses de Thomas Crosse, indo a sofística ao encontro do livro de Pères.

Para concluir a categorização dos títulos propomos mais uma categoria, que diz respeito ao ocultismo, restando um único título que transcende qualquer das categorias, «Tobacco / Tobacco in Portugal», que ao não ser muito eloquente sobre o seu conteúdo é difícil de aproximar de outros²¹:

4. ESTUDOS DE CARÁCTER OCULTO

Freemasonry in Portugal (special)?

Biomancy (fairly big article)

Segundo este conjunto, Thomas Crosse herdaria também parte do interesse de Pessoa por certas práticas comumente chamadas ocultistas, tais como os diferentes tipos de adivinhação e profecia, sendo de notar o interesse tipicamente pessoal por Ordens e Associações Secretas, como a Maçonaria.

Se procurarmos aproximar o conteúdo das listas aos três textos que efetivamente existem com a assinatura Thomas Crosse, constataremos que aquele que é dedicado à obra de Caeiro (BNP/E3 143-1 a 4) teria lugar na categoria de «Estudos Literários», ainda que não fosse alheio ao mesmo o interesse pela

historicidade de figuras relevantes. O texto sobre as características linguísticas (BNP/E3 143-10^r e 11^r) não só está em perfeita sintonia com alguns dos títulos da categoria «Reflexões sobre Língua e Linguagem», como mantém também uma estreita relação com os quase três parágrafos que acompanham aquela que é cronologicamente a última lista subordinada ao nome de Thomas Crosse (Doc. 6). O terceiro texto, que se refere a uma «Sebastianist Order» (cf. SQI, p. 160), ficaria precisamente como ponte entre a categoria «História e Mito» e o interesse por «Estudos de Carácter Oculto», focando o mito central da identidade portuguesa, segundo Pessoa, e uma suposta associação secreta que urdia conspirações entre 1926 e 1928.

É deste modo que é possível estabelecer um conjunto de relações que conferem uma certa espessura a uma potencial figura de Thomas Crosse, que vai assim além da sua função enquanto nome de autor. Apesar da falta de concretude na construção desta figura autoral, o nome Thomas Crosse partilha com outros uma função decisiva, a de ocupar a posição de responsável por determinada obra no âmbito de um pensamento editorial que depende precisamente deste tipo de atribuições. Recorde-se que os conceitos de *heterónimo* e *ortónimo* são inseridos publicamente pela primeira vez em 1928 numa «*Tábua Bibliográfica*», primeiramente enquanto adjetivos que caracterizam «categorias de obras» (*ibid.*), classificáveis portanto com base no nome de autor com que são assinadas. Como Pessoa acrescenta ainda na mesma «*Tábua*», a «obra heterónima» seria da responsabilidade de «uma individualidade completa fabricada por êlle, como o seriam os dizeres de qualquer personagem de qualquer drama seu», e é neste drama que Thomas Crosse não foi explicitamente integrado²². Por esta razão, não parece ser surpreendente que o último testemunho que temos da existência de Crosse seja precisamente uma lista datável aproximadamente de 1928, ano em que Pessoa procede a uma reavaliação estrutural da sua obra.

A distinção decisiva a este respeito é a que se verifica entre um nome de autor, categoria que em Pessoa está intimamente associada a um planeamento editorial, e a *figura*, *personagem* ou *personalidade* que este mesmo nome alberga. São estes os três termos que Pessoa utiliza preferencialmente para se referir às suas personagens autoras de obras (cf. nomeadamente os prefácios elaborados sob os títulos *Aspectos* e *Ficções do Interlúdio*; LdD, p. 446-59). Antes de serem personagens, estes nomes são *assinaturas* de textos, planos e projetos editoriais. Este é pois o seu modo particular de existência, que no caso de Thomas Crosse é exclusivo. Crosse é um nome de autor, crítico e tradutor de textos que em si mesmos não passaram de projetos, alguns deles esboçados mas nenhum concluído ou publicado. Ao contrário de outros casos, não é descrito como personagem; no entanto, tem em comum com Caeiro, Reis ou Campos o facto de uma projecção da sua espessura enquanto figura autoral ser

possível a partir da obra que deixou por realizar. Um esboço de obra é aqui indissociável do esboço de uma figura autoral do qual nos ficou um nome.

Enquanto assinatura de textos e nome que figura em listas editoriais, o nome de Thomas Crosse possui tanto uma função performativa quanto constativa, como Derrida reconhece a propósito do problema da assinatura (cf. Derrida, 1984: p. 11-32). Se é este nome que permite criar o espectro de relações acima delineado, a sua realidade depende exclusivamente da sua associação a três textos e principalmente aos múltiplos títulos que lhe são atribuídos nas listas. É esta interdependência que caracteriza relações que, neste caso, não só não transcendem uma dimensão textual, como surgem delineadas em textos que não chegam a ser obras; são meros esboços que remetem para uma potencialidade. Projetos aparentemente díspares veem-se assim integrados num mesmo conjunto, subordinado a um princípio, o nome de autor. Esta atribuição pode ser vista como resultante de um impulso criador, mas também enquanto consequência da constatação de um elo entre os textos, através do qual se vislumbra esse nome que o unifica.

NOTAS

- ¹ Esta distinção é recorrente tanto nas edições da responsabilidade de Teresa Sobral Cunha como na Edição Crítica da Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ² Cf. nomeadamente o plano de «Edições da COSMOPOLIS», no qual o inglês «edited by Antonio Móra» é traduzido por «dirigidos por Antonio Móra» (BNP/E3 48B-11^o; LdD, p. 444).
- ³ Veja-se a edição de Teresa Sobral Cunha dos poemas de Alberto Caeiro (PCAC) e, recorrendo a instrumentos que permitem uma datação mais precisa dos documentos, a edição de João Dionísio dos poemas de Alexander Search (AS) ou o «Livro do Desasociego» de Jerónimo Pizarro (LdD).
- ⁴ As questões aqui esboçadas sobre o planeamento editorial são desenvolvidas em Sepúlveda, 2012: I.
- ⁵ O texto foi publicado pela primeira vez em PPC, p. 441-3, de forma incompleta e com problemas de leitura. Uma versão mais desenvolvida, que inclui todas as páginas que formam o texto, foi apresentada em AM, p. 135-6, embora a transcrição ainda apresente dificuldades de leitura e mereça ser revista.
- ⁶ Cf. Posfácio de DI, p. 65.
- ⁷ Na lista aparecem títulos que noutros casos são subordinados a Thomas Crosse, e ainda outros que poderiam aproximar-se dos interesses adjudicados a este nome de autor: *The Myth of King Sebastian*, *Kings who will return*, *Great Historical Problems: Great men who never existed — King Sebastian's end — The Birthplace of Columbus — The Discovery of America — Masque de Fer*, *Translating, A Portuguese Prophet* (Bandarra) (cf. DI, p. 75).
- ⁸ Cf. uma hipótese de datação e os seus argumentos na nota 56 do Posfácio de DI, p. 54-5.

- ⁹ Este documento apresenta uma classificação de períodos da história literária portuguesa. Autores como José Anastácio da Cunha, Almeida Garrett, Antero de Quental e Cesário Verde são apontados por Pessoa como representantes do «Pré-Romanticismo», «Romanticismo», «Escola de Coimbra (panteísta)» e o «Objectivismo», respetivamente.
- ¹⁰ Cf. BNP/E3 74B-44 a 52, reproduzido em fac-símile, sem transcrição, na tese de mestrado de Maria Rosa Baptista (Baptista, 1990) e a tradução para português em 74B-53.
- ¹¹ Assim sublinham nomeadamente Rita Patrício e Jerónimo Pizarro, na sua introdução à edição das obras de Jean Seul: «Como pretendemos mostrar, estes três escritos antecedem, pelo menos em parte, a criação de Jean Seul» (JS, p. 9). O mesmo resulta das considerações de Pizarro sobre o facto de os primeiros prefácios do *Livro do Desassossego* antecederem a sua atribuição a uma figura autoral de nome Vicente Guedes, no próprio texto e em planos e projetos editoriais (cf. a nota em LdD, p. 722-3).
- ¹² Seguimos aqui a ideia de Manuel Gusmão, que se refere a um «universo textual a que chamamos 'Fernando Pessoa'» como «uma espécie de 'miniatura' de um 'sistema literário'» que «reproduz, mesmo se parcialmente, a instabilidade do sistema miniaturizado e, tal como ele, muda de configuração» e no qual «encontramos então vários autores, distribuíveis por diferentes estatutos autorais, e que não só assinam obras como estabelecem entre si e com outros, uma relativamente vasta correspondência, uma rede de comentários, diálogos e confrontos críticos». Este sistema veria, como sublinha o mesmo, «diferida no tempo a sua constituição» (cf. Gusmão, 2003: p. 67-8).
- ¹³ Como notam Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, de entre os vários fragmentos de uma apresentação em inglês dos poemas de Alberto Caeiro que se encontram no espólio apenas este é atribuído explicitamente a Crosse (cf. TH, p. 95-6). Os mesmos defendem que «conquanto lhe falte uma indicação específica de que pertence ao referido prefácio, há pouca margem para dúvidas, visto possuir o mesmo tom e incidir sobre as mesmas temáticas que os outros fragmentos» (*ibid.*, p. 95). Sendo legítimo ver estes textos como pertencentes a um mesmo *corpus*, de uma apresentação de Caeiro em inglês, não é ainda assim certo que estes sejam partes de um só texto de apresentação ou prefácio.
- ¹⁴ Cf. a este respeito Sepúlveda, 2012: p. 50-86 e II-X. Esta última lista é consultável em <<http://purl.pt/13892/1/P69.html>> (BNP/E3 144Q-34^r) e foi publicada em ES, p. 80. Para além destes testemunhos do projeto de tradução de Alberto Caeiro presentes nas listas, encontra-se um pequeno esboço de tradução de alguns versos para inglês em BNP/E3 74B-38^r.
- ¹⁵ Patricio Ferrari (2011, p. 61) defende a atribuição a Thomas Crosse de traduções dos versos de Caeiro, nomeadamente as que se encontram num texto de crítica escrito na sobrecapa de um livro de Arthur Ransome sobre Oscar Wilde (BNP/E3 67-32^r). Não concordamos com a necessidade desta atribuição, ainda que reconheçamos a sua pertinência num domínio hipotético.
- ¹⁶ No artigo que lhe é dedicado no *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, Madalena Dine refere-se-lhe como «ensaísta e tradutor» (Dine, 2008). Apesar de precisar que este «teria a incumbência de divulgar, em inglês, a cultura portuguesa» ou «traduziria para inglês Alberto Caeiro» (sublinhados nossos), o carácter potencial desta figura não é devidamente assinalado, sendo problemática a afirmação de que este «escreveu também sobre linguagem e língua [...] como atestam os textos 'O Problema das Línguas' e 'Tendência Orgânica para a Unidade'», quando apenas o primeiro está assinado com o seu nome.
- ¹⁷ É porventura neste sentido que Richard Zenith se refere a Crosse como um «sub-heterónimo», que teria sido criado com o propósito de «traduzir e promover» os «heterónimos»

(PIA, p. 173). Apesar de se poder sublinhar deste modo uma posição importante de Crosse, as listas de projetos e os textos esboçados mostram que este foi mais do que um projetado tradutor ou divulgador de Caeiro. Esta distinção não toca também num ponto que nos parece decisivo, o de que não existem descrições de Crosse enquanto personagem dramática, pelo que a sua existência é fundamentalmente nominal e potencial.

- ¹⁸ Estes dois textos foram transcritos com várias dificuldades de leitura em PPC, p. 235-7.
- ¹⁹ Este é também o título de um dos romances detetivescos de Anna Katherine Green, publicado em 1880. Green foi uma conceituada autora de romances detetivescos que Pessoa conhecia, como o atesta uma lista de livros vendidos em 1931, onde é listado o romance *The Major's Wife*, da mesma autora (cf. Pizarro *et al.*, 2010: p. 441).
- ²⁰ A obra de Pérès é uma resposta satírica ao estudo do mitologista francês Chales Dupuis, *L'Origine de tous les cultes, ou la religion universelle*. Sobre a relação entre Dupuis e Pérès e a leitura pessoana deste último, cf. Posfácio a DI, p. 65-6.
- ²¹ Este título faz lembrar o de um livro assinado por Moitinho de Almeida, patrão de Fernando Pessoa num dos escritórios comerciais onde este trabalhou. No exemplar de *O Tabaco: Vício Brando e Útil* (1931), que permanece na biblioteca particular do poeta, encontra-se uma nota manuscrita de Manuela Nogueira: «Texto escrito pelo poeta | Fernando Pessoa a pedido do | seu amigo Moitinho d'Almeida | para uma Palestra feita por este | no Rotary Club de Lisboa | (Informação dada pelo poeta | a sua irmã D. Henriqueta Rosa | Dias — minha mãe» (Pizarro *et al.*, 2010: p. 155).
- ²² Procurando dar conta deste dado e não o considerando um heterónimo, Madalena Dine define Thomas Crosse, na linha de Teresa Rita Lopes, como «personalidade literária» (Dine, 2008: p. 197). Recorde-se que este termo, que durante muito tempo circulou entre a crítica, é retirado de uma transcrição errada e entretanto corrigida de uma carta a João Gaspar Simões em que Pessoa se refere a Bernardo Soares como uma «personagem [*e não*: personalidade] literária» (cf. BNP/E3 114²-15¹ a 17¹ e CP, p. 199 e 379). Independentemente desta circunstância, o termo vem aproximar os casos de Crosse e de Soares, dois nomes que partilham o facto de não terem sido incluídos por Pessoa no conjunto dos heterónimos, mas por **motivos** diferentes ou até opostos. O que Pessoa sublinha com esta designação a propósito de Soares é que este não é simplesmente um nome de autor, mas uma personagem. Os trechos publicados do *Livro do Desassossego* são acompanhados pela indicação *composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa*, mas encontram-se assinados em nome próprio (cf. a este respeito TH, p. 23-4).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BNP/E3: Espólio de Fernando Pessoa à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal.
CFP: Biblioteca Particular à guarda da Casa Fernando Pessoa.

OBRAS DE FERNANDO PESSOA

AM: *Obras de António Mora*, ed. Luís Filipe Teixeira, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002.

- CA: *Cartas de Amor de Fernando Pessoa e Ofélia de Queiroz*, ed. Manuela Parreira da Silva, Lisboa, Assírio & Alvim, 2012.
- CP: *Cartas entre Fernando Pessoa e os Directores da Presença*, estudo e edição de Enrico Martines, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.
- DI: *A Demonstração do Indemonstrável*, ed., posf. e notas de Jorge Uribe, Lisboa, Ática, 2011.
- JS: *Obras de Jean Seul de Méuret*, ed. e estudo de Rita Patrício e Jerónimo Pizarro, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.
- LdD: *Livro do Desasocego*, ed. Jerónimo Pizarro, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010.
- PAS: *Poemas Ingleses. Tomo II. Poemas de Alexander Search*, ed. João Dionísio, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997.
- PCAC: *Poemas Completos de Alberto Caeiro*, ed. Teresa Sobral Cunha, Lisboa, Editorial Presença, 1994.
- PI: *Pessoa Inédito*, coord. Teresa Rita Lopes, Lisboa, Livros Horizonte, 1993.
- PIA: *Prosa Íntima e de Autoconhecimento*, ed. Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2007.
- PP: *Provérbios Portugueses*, ed. Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari, Lisboa, Ática, 2010.
- PPC: *Pessoa por Conhecer. Textos para Um Novo Mapa*, ed. Teresa Rita Lopes, Lisboa, Estampa, 1990.
- PR: *Presença. Folha de Arte e Crítica*, dir. e ed. Branquinho da Fonseca, João Gaspar Simões e José Régio, 1927-1940, ed. facsimilada, Lisboa, Contexto, 1993.
- SOI: *Sensacionismo e Outros Ismos*, ed. Jerónimo Pizarro, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009.
- SQI: *Sebastianismo e Quinto Império*, ed., introd. e notas de Jorge Uribe e Pedro Sepúlveda, Lisboa, Ática, 2011.
- TH: *Teoria da Heteronímia*, ed. Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2012.

OUTRAS

- AZEVEDO, Maria da Conceição Fidalgo Guimarães Costa, *Fernando Pessoa, Educador. Encontro de si próprio, consciência da missão, fidelidade ao ser*, Braga, APPACDM Distrital de Braga, 1996.
- BAPTISTA, Maria Rosa, *Pessoa Tradutor*, tese de mestrado em Literaturas Comparadas Portuguesa e Francesa apresentada à FCSH da Universidade Nova de Lisboa, 1990.
- BELKNAP, Robert E., *The List. The Uses and Pleasures of Cataloguing*, New Haven & London, Yale University Press, 2004.
- CUNHA, Teresa Sobral, «Planos e Projetos Editoriais de Fernando Pessoa: Uma Velha Questão», *Revista da Biblioteca Nacional*, série 2, vol. 2, n.º 1, 1987, p. 93-107.
- DERRIDA, Jacques, *Otobiographies. L'enseignement de Nietzsche et la politique du nom propre*, Paris, Galilée, 1984.
- DINE, Madalena, «Crosse, Thomas», in *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, coord. Fernando Cabral Martins, Lisboa, Editorial Caminho, 2008, p. 197-8.
- FERRARI, Patricio, «On the Margins of Fernando Pessoa's Private Library. A Reassessment of the Role of Marginalia in the Creation and Development of the Pre-heteronyms and in Caeiro's Literary Production», *Luso-Brazilian Review*, Madison, University of Wisconsin Press, vol. 48, n.º 2, 2011, p. 23-71.

- FERREIRA, António Mega, *Fernando Pessoa. O Comércio e a Publicidade*, Lisboa, Cine/Voz, 1986.
- GUSMÃO, Manuel, «O Fausto: Um Teatro em Ruínas», *Românica*, Revista de Literatura do Departamento de Literaturas Românicas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, n.º 12, 2003, p. 67-86.
- NEMÉSIO, Jorge, *A Obra Poética de Fernando Pessoa*, Estrutura das Futuras Edições, Salvador da Bahia, Livraria Progresso Editora, 1958.
- PIZARRO, Jerónimo *et al.*, *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa*, Acervo da Casa Fernando Pessoa, vol. I, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2010.
- PRISTA, Luís, «'Fernando Pessoa, Educador' — Subsídio para uma Errata», *Colóquio/Letras*, n.º 149/150, 1998, p. 392-8.
- SEPÚLVEDA, Pedro, «O Livro de Caeiro», *Diacrítica*, Revista do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, Série Ciências da Literatura, n.º 24/3, 2010, p. 387-412.
- _____, *Os Livros de Fernando Pessoa*, tese de doutoramento em Estudos Portugueses/Estudos de Literatura, Lisboa, FCSH da Universidade Nova de Lisboa, 2012 (consultável em <<http://run.unl.pt/handle/10362/7420>>).
- SOUSA, João Rui de, *Fernando Pessoa. Empregado de Escritório*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2008.